

CULTURA VISUAL, MÍDIAS, GÊNERO E SEXUALIDADE: O QUE A EDUCAÇÃO TEM A VER COM TUDO ISSO?

Carla Silva Machado

Mestre em Educação pela UFJF, doutoranda em Educação pela PUC/Rio.

RESUMO

Este artigo parte da análise de dois Dispositivos Culturais: uma matéria da Revista Nova Escola de fevereiro de 2015, que trata das questões de gênero e sexualidade na escola, e um espaço de entretenimento de um shopping de uma cidade de porte médio chamado de Espaço/Evento Barbie e Max Steel. A análise se dá levando-se em conta a temática de gênero e sexualidade e como as Pedagogias Culturais tratam das relações de gênero. Para construção deste artigo, apresento um referencial teórico que parte da Análise do Discurso chegando às convergências e divergências entre Aparelhos Ideológicos do Estado e Dispositivos Culturais; a partir daí, apresento uma breve análise da matéria da Revista Nova Escola e do Espaço/Evento Barbie e Max Steel e termino defendendo a arte e a cultura visual como possibilidades do trabalho com gênero e sexualidade no campo educacional.

Palavras-chave: Dispositivos Culturais. Gênero. Sexualidade. Pedagogias Culturais. Educação.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu a partir de dois eventos ocorridos em uma mesma semana em uma cidade de porte médio da Zona da Mata Mineira. No primeiro deles, fui a uma banca de jornais do centro da cidade para comprar a Revista Nova Escola. Não sou leitora habitual da revista, mas esta particularmente me chamou a atenção, pois a matéria da capa propunha-se a discutir gênero e sexualidade, e optei por comprá-la para saber a abordagem dada ao tema pela publicação.

A foto de capa da revista era um menino trajando um vestido de princesa com rosto muito delicado e um olhar muito impressionante. Cheguei à banca, procurei a revista, peguei e quando fui pagar, a senhora que me atendia disse o seguinte: “Muito linda essa menina, né?!” Eu logo respondi: “Não é uma menina, é um menino!”. E ela disse: “Credo!”.

Assustei-me com a reação da senhora, paguei a revista e fui embora, muito pensativa na cena vivida: então se fosse uma menina com vestido de princesa, seria linda, como era um menino passou a causar repulsa, fiquei pensando que eu podia ter respondido a ela que a matéria da revista discutia a questão de gênero e sexualidade, mas, na hora, apenas me calei.

No fim da semana, indo ao shopping, deparei-me com dois espaços, um rosa e o outro azul, bem no centro do primeiro piso do estabelecimento, cheio de crianças e seus pais. O primeiro, rosa, era o espaço da Barbie, destinado a meninas; já o segundo, azul, era o espaço Max Steel, destinado aos meninos.

Já tinha lido a revista comprada naquela semana, gostei da abordagem e ver aquele espaço sendo utilizado por inúmeras famílias sem nenhum questionamento irritou-me profundamente. Logo peguei o celular, tirei uma foto e publiquei no Facebook com a seguinte legenda: “A velha dicotomia do rosa e do azul”. Uma amiga logo comentou minha postagem dizendo: “Pensei a mesma coisa: tem muita gente talentosa repensando gênero, mas a máquina é forte”.

Concordo com essa amiga, penso que a máquina é forte, usam do entretenimento e dos Dispositivos Culturais para disseminar velhas culturas, mas a máquina do mesmo jeito que gira para um lado pode girar para o outro. Penso que a Revista Nova Escola é um exemplo disso, porém o espaço rosa e azul do shopping é o contraexemplo, ou seja, é a máquina girando para o mesmo lado, repetindo velhos conceitos e velhas ideias.

A partir dessas duas situações vividas, pretendo discutir as possibilidades da arte, da cultura visual, da mídia e da educação fazerem a diferença diante da forte máquina em relação às discussões acerca de gênero e sexualidade. Entendo que a máquina, muitas vezes, funciona como no clipe da música *The Wall* da banda britânica *Pink Floyd*, de 1979, em que crianças entram numa instituição e saem todas transformadas em linguiças, todas formatadas a partir das ideias da velha e forte máquina.

Para construção deste artigo, apresento um referencial teórico que parte da Análise do Discurso chegando às convergências e divergências entre Aparelhos Ideológicos do Estado e Dispositivos Culturais para, a partir daí, apresentar uma breve análise da matéria da Revista Nova Escola de fevereiro de 2015 e do Espaço/Evento Barbie e Max Steel, e termino propondo a arte e a cultura visual como possibilidades de trabalhar as questões envolvendo gênero e sexualidade no campo educacional, levando-se em conta que estes dispositivos, quando levados às crianças, podem ser tratados como Pedagogias Culturais.

ANÁLISE DO DISCURSO, APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO E DISPOSITIVOS CULTURAIS

Meu enfoque à ideia do discurso o vê ligado à noção de acontecimento, ou seja, o movimento das palavras ou, ainda, o envolvimento das palavras no mundo, segundo Foucault (2003):

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo (...). Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 2003, p.5-6).

Foucault (2003) defende, neste trecho, que discurso e fala não são simultâneos, a fala é apenas a concretização do discurso, antes da fala existe o silêncio, o pensamento e a concepção ideológica. O discurso seria a representação de todos esses elementos, discurso é, portanto, representação e performatividade.

Neste sentido, pode-se entender que a ideia de discurso defendida por Foucault caminha na direção dos estudos da Análise do Discurso em sua vertente francesa, cujo representante é o filósofo Michel Pechêux, o autor considera Sujeito, Discurso e Ideologia como peças essenciais e inseparáveis na compreensão dos sentidos. Para Pechêux, a Análise do Discurso se dá a partir de três campos: a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo. Nas palavras de Orlandi (2002):

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2002, p.15-16).

Orlandi (1987) apresenta uma tipologia para o discurso levando-se em conta alguns critérios: funcionamento discursivo, reversibilidade e polissemia. O funcionamento discursivo é “a atividade estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, por um falante determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 1987, p. 153). Ou seja, é saber estruturar o discurso a partir do objetivo que se pretende atingir sem esquecer que essa estrutura não leva em conta somente o falante, mas se tem como objetivo atingir um interlocutor determinado. Neste sentido, leva-se em conta as expectativas e perspectivas desse destinatário.

Na prática, ao darmos uma aula sobre determinado tema, sempre a adaptaremos ao nosso público, seja em relação à faixa etária, nível socioeconômico ou mesmo habilidades/competências da turma. No caso do cinema, por exemplo, “o significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido” (DUARTE, 2009, p. 44).

Na revista impressa, o público a que ela se destina será envolvido por um tipo de discurso, além de uso de determinadas expressões e outros elementos que tornam a linguagem familiar. Dessa forma, o texto torna-se mais próximo do receptor, criando uma rápida identificação. Um espaço de entretenimento infantil num shopping também terá elementos, muitos deles estéticos, que chamarão a atenção da criança e de seus responsáveis. A cor é um desses elementos; pinturas, fotos e gravuras são outros dos elementos que chamarão a atenção desse público.

O segundo critério discursivo, a reversibilidade, é a dinâmica da interlocução. Orlandi (1987) propõe graus maiores ou menores de reversibilidade de acordo com a abertura dada aos interlocutores. Pensando ainda na sala de aula, a linguagem mais usual, por exemplo, é a formal, com pequenas possibilidades de adoções de níveis de linguagem diferentes desta. No caso da revista analisada, como o público é composto por professores, a linguagem é bastante didática e pedagógica, havendo, inclusive, jargões da área educacional, o que garante a cumplicidade com o público-alvo. O espaço do shopping analisado cria, para garantir a reversibilidade, uma linguagem considerada para meninas, usando da cor rosa e de elementos estereotipados como femininos em um ambiente; e o outro ambiente azul, com armas e elementos considerados masculinos para os meninos. Dessa forma, o espaço, a partir da dualidade feminino-masculino, garante a adesão do público.

O terceiro critério é a polissemia, definido pelas muitas possibilidades de darmos sentido a um mesmo discurso. A linguagem polissêmica permite muitas interpretações de um mesmo texto: quanto mais polissêmica, mais ampla é a possibilidade de interpretação de um texto. Nos dois artefatos analisados, a polissemia é quase nula, o primeiro por usar uma linguagem pedagógica e de aconselhamento, o segundo por não dar abertura para o público escolher o espaço que melhor lhe convém. Porém, neste segundo artefato - o espaço do shopping -, há um elemento importante que é o fato de o público parecer que pode escolher entre um e outro espaço. O público não percebe que é levado a determinado espaço dependendo de sua condição biológica: ser menino ou menina define, neste caso, uma falsa polissemia.

A partir desses três critérios, Orlandi (1987) propõe três tipos de discurso: o autoritário, o polêmico e o lúdico. O discurso autoritário é aquele contido em que a polissemia e a reversibilidade são quase nulas, é o discurso da verdade absoluta, típicos, por exemplo, do discurso pedagógico e, conseqüentemente, do discurso presente na escola. O discurso polêmico é o discurso em que se controlam a reversibilidade e a polissemia, é mais aberto ao destinatário do que o discurso autoritário, mas apresenta uma abertura ainda controlada. O discurso lúdico é o da reversibilidade, e da polissemia por excelência é o que permite a abertura entre os interlocutores, este último, muito presente na literatura, no cinema e nas artes de maneira geral.

A partir da tipologia proposta por Orlandi (1987), podemos entender que o discurso literário, cinematográfico e das artes em geral está mais próximo do lúdico, pois é polissêmico, ou seja, permite ao leitor várias interpretações e várias possibilidades de entendimento. O lúdico está ligado à linguagem do prazer, e segundo Orlandi (1987), “contrasta fortemente com o uso eficiente da linguagem voltado para fins imediatos, práticos etc.” (ORLANDI, 1987, p.154).

Vale ainda apresentar um termo bastante caro à Análise do Discurso, que aparece nos estudos de Foucault, Althusser e Pêcheux, no que tange à questão da materialidade ideológica e discursiva: o Discurso, segundo esses pensadores, constitui-se da Formação Ideológica (FI) e da Formação Discursiva (FD). A Formação Ideológica envolve as posições de classe, é o lugar social de onde vem o discurso, está ligada às noções de Aparelhos Ideológicos do Estado propostas por Althusser (1996), e, segundo Pêcheux (1996):

(...) a instância ideológica em sua materialidade concreta, existe sob a forma de “formações ideológicas” (referidas aos Aparelhos de Ideológicos de Estado), que têm um caráter regional” e envolvem posições de classe: os “objetos” ideológicos são sempre fornecidos juntamente com seu “modo de usar” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe a que servem –, o que permite o comentário de que as ideologias práticas são práticas de classe (práticas da luta de classes) na ideologia (PÉCHEUX, 1996, p.145).

A Formação Discursiva é o funcionamento discursivo, ou seja, a materialização da Formação Ideológica, sendo assim o próprio discurso. Para Brandão (1995),

o conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre os sentidos a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”. Isso leva a constatar que uma FD não é “uma única linguagem para todos” ou “para cada um sua linguagem”, mas que numa FD o que se tem é “várias linguagens em uma única” (BRANDÃO, 1995, p.39-40).

A Formação Discursiva é, portanto, a maneira com que cada um de nós manifesta suas concepções frente ao mundo a partir de nossos suportes ideológicos/culturais.

Pode-se constatar que a nossa Formação Discursiva e Ideológica são construções sociais subjetivas, mas estas são fortemente influenciadas pelos “Aparelhos Ideológicos do Estado”, termo cunhado por Louis Althusser em seu texto **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação)**. Segundo Althusser (1996): “Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos

do Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1996, p.114).

Entendo que os Aparelhos Ideológicos mencionados pelo autor são instituições como igreja, família e escola. Acredito que os discursos dessas instituições são facilmente disseminados pelos atores sociais que fazem parte ou são atraídos por estes. E mais, pelo estudo proposto por Althusser, na década de 1960, estas instituições estariam mais ligadas ao discurso autoritário proposto por Orlandi.

Entendo, ainda, que durante muito tempo, o discurso dessas instituições era combatido ou servia de contraponto aos discursos dos chamados Dispositivos Culturais representados pelo cinema, literatura, publicidade e mídias, podendo estes ser considerados discursos lúdicos, pois trabalham com a polissemia, a reversibilidade e a abertura.

Penso que, na atualidade, esta distinção entre os discursos e tipologias dos Discursos dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e dos Dispositivos Culturais já não é tão acentuada, como era na década de 1960, período do estudo de Althusser. Isso porque os espaços cada vez se tornam mais híbridos e estão em constante transformação. Se considerarmos a escola como exemplo, podemos aprender a partir de um filme, usando de uma linguagem mais polissêmica. As mídias estão presentes no cotidiano escolar, além disso, mesmo que existisse uma escola na qual esses Dispositivos não entrassem, os atores presentes neste espaços têm acesso aos Dispositivos Culturais no seu dia a dia, fora deste ambiente.

Partindo destas considerações, remeto-me à ideia de controle na produção do discurso, mencionado por Foucault (2003), quando nos fala que, supostamente,

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2003, p.8).

A partir disso, pode-se constatar que a escola e os demais Aparelhos Ideológicos do Estado abriram-se para os Dispositivos Culturais; primeiro porque essa abertura seria inevitável, visto que os frequentadores deste espaço também frequentam outros espaços em que a cultura visual, as artes e a linguagem audiovisual prevalecem; segundo, porque viu-se nestes dispositivos uma possibilidade de tornar o ambiente escolar mais prazeroso, numa perspectiva de manutenção do *status* de formador (de ideologias, inclusive).

Segundo Ferrari e Castro (2012):

A incapacidade de separar a Educação de outros campos de conhecimento e das imagens de forma geral abriu a possibilidade de novas áreas de investigação, não somente no campo das visualidades, mas também, na Formação Docente, no Currículo, nos Estudos de Gênero e Sexualidade, nos Processo de Subjetivação. Isso porque falar de imagem, de produção de imagens, de significação e representação visual supõe incluir o espectro das Artes e da Cultura Visual no âmbito dos processos educativos ancorados em contextos de subjetivação (FERRARI; CASTRO, 2012, p.13).

As diversas linguagens dos Dispositivos Culturais estariam mais ligadas ao discurso do prazer; neste sentido, forma e transforma concepções sem o compromisso de apenas doutrinar ou cultivar ideologias. Logo, sua função principal é o entretenimento, mas, ao entreter e divertir, também ensina, faz adotar concepções e mostra, muitas vezes, maneiras diferentes de entender o mundo, ou ainda, reforçam concepções já preestabelecidas e fortemente disseminadas, como é o caso do espaço Barbie/Max Steel do shopping.

A REVISTA NOVA ESCOLA – EDIÇÃO GÊNERO: FEVEREIRO DE 2015

A Revista Nova Escola é uma publicação ligada ao discurso autoritário, à medida em que propõe auxiliar o professor na sala de aula, com tendência a ensinar, doutrinar, aconselhar, sugerir possibilidades de ação na escola. Ao mesmo tempo, porém, apresenta possibilidades de trabalho em sala de aula que estão ligadas à cultura visual e às artes; neste sentido, o professor leitor da revista pode, a partir do proposto nela, desenvolver atividades mais lúdicas em sala de aula.

A revista é uma publicação da editora Abril, e em sua edição número 279 de fevereiro de 2015 traz em sua matéria de capa a temática das relações de gênero e sexualidade. A capa da revista é a foto de um menino britânico chamado Romeo, que foi expulso do contraturno escolar por usar vestidos. Romeo aparece na foto com um vestido da personagem Ariel, princesa dos desenhos Disney, filme cujo público-alvo principal é feminino. Abaixo da foto de Romeo, aparece a chamada: “Vamos falar sobre ele? Como lidar com um aluno que se veste assim? Uma reflexão sobre gênero e sexualidade”.

A matéria principal da edição é classificada como uma matéria que trata de gênero, e apresenta oito páginas com fotos, entrevistas com pesquisadores, pais de alunos, e estudantes que passaram por situações de discriminação sexual na escola. São apresentados três casos, três personagens, e três questões

são abordadas: a homofobia, o machismo e os rótulos culturais em relação à roupa de menino e de menina. Estas questões são apresentadas a partir de depoimentos de alunos que sofreram algum tipo de discriminação na escola.

No primeiro caso, uma adolescente sofreu represálias na escola por divulgar sua homossexualidade; a aluna sentiu-se coagida e foi silenciada pela equipe gestora e professores. A solução encontrada pela família e pela própria aluna foi, então, a troca de escola, para uma instituição com projetos envolvendo gênero e sexualidade, sentindo-se, assim, acolhida pela instituição. A revista apresenta o caso e aponta que a escola poderia agir de maneira diferente, não tolerando, por exemplo, situações de *bullying* e promovendo o debate em torno das questões de gênero.

O segundo caso apresentando na matéria é de uma adolescente que vai a um passeio promovido pela escola e é atacada por quatro colegas de sua turma, que tentam passar as mãos em seus seios. Ela reclama com o professor que, segundo a matéria, indignado liga para o orientador pedagógico; porém, ao chegar ao conhecimento da equipe gestora da escola, há o discurso de que a aluna provocou os colegas, ou seja, do papel de vítima ela passa a ser responsabilizada pelas ações dos colegas. A revista sugere aos leitores que esses episódios não podem ser tratados com naturalidade, e que a escola precisa discutir estas questões de forma mais aprofundada, não culpando a vítima por comportamentos machistas de terceiros.

O terceiro caso abordado pela reportagem é de um aluno de uma escola carioca que vai à aula de saia e é chamado pela direção da escola. Depois de uma longa conversa, é convidado a não ir mais à escola usando saias. O aluno comunicou o fato aos colegas e junto com o grêmio escolar organizaram um evento intitulado 'saiato', que teve a adesão de mais de 30 alunos de saia no dia marcado. A direção da escola ignorou o evento, apesar do fato ter repercutido em vários meios de comunicação. A revista sugere que a escola poderia ter aceitado as roupas do aluno, levando-se em conta que o uso de determinada vestimenta é uma questão cultural.

Vale ressaltar que, nos três casos apresentados, o conselho da revista ao público leitor é de que a escola deve assumir o debate em torno da temática, assim como professores e equipe gestora, que devem se apropriar da responsabilidade de discutir o assunto, propor projetos e não silenciar-se diante da questão.

Na página que a revista Nova Escola mantém no Facebook, é possível encontrar a seguinte caracterização da publicação:

Descrição curta: A maior revista de educação do país visa auxiliar o trabalho dos professores dentro da sala de aula.

Descrição Longa: NOVA ESCOLA é uma publicação da Fundação Victor Civita, cuja missão é contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil, produzindo conteúdo que auxilie na capacitação e valorização de professores e gestores e influencie políticas públicas.

Ao analisarmos a condução da matéria, inclusive com depoimentos de pesquisadoras da área de gênero, sexualidade e educação como Guacira Lopes, Constantina Xavier, além dos depoimentos dos alunos e de seus pais, percebemos uma importante manifestação da revista em prol da discussão de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Ao deixar claro em sua página de divulgação que a revista visa auxiliar o trabalho dos professores em sala de aula, fica evidente, mais uma vez, que a postura da revista é fazer com que o discurso das relações envolvendo gênero, sexo e sexualidade cheguem à sala de aula.

Outra questão que nos parece contribuir para a afirmação de que a revista defende a circulação de ideia em torno das questões que envolvam gênero e sexualidade é o fato de, nos três casos relatados, apresentar, no final do texto, um aconselhamento de como as escolas poderiam agir diante de fatos semelhantes. Nos três casos, a revista aponta para a necessidade do diálogo e de ações que visam garantir a liberdade de expressão, levando-se em conta que existem várias maneiras de ser.

Além das questões destacadas, a revista divulgou na matéria um *link* para o material produzido pelo Ministério da Educação disponibilizado na internet, que fazia parte do programa Brasil sem Homofobia e que foi vetado por parlamentares antes de sua distribuição.

A intenção era de que o material fosse distribuído a escolas de todo o país. Antes da impressão, entretanto, congressistas ligados a entidades religiosas se opuseram ao projeto. Apelidado de “kit gay”, o conteúdo foi acusado de estimular “a promiscuidade e o homossexualismo” – termo em desuso por remeter à doença (hoje fala-se homossexualidade). A união cedeu às pressões e vetou a circulação dos cadernos. Oficialmente, não há perspectivas para que este material saia do armário. Mais agora ele está disponível no site de NOVA ESCOLA (novaescola.org.br/educação-sexual). Leia e tire suas conclusões (SOARES, 2015, p.31).

Para os pesquisadores da área, talvez a revista tenha apresentado o óbvio, mas há uma questão importante a ser levantada: por se tratar de uma publicação de grande circulação - no site da editora, a informação é a de que a revista é a quarta em número de assinantes, perdendo apenas para Veja, Exame e

Super Interessante -, o discurso produzido por ela é de amplo alcance. Além disso, o fato da revista apresentar uma visão bastante contemporânea da discussão acerca de gênero e sexualidade usando casos do cotidiano da escola tende a aproximar o público leitor, formado em grande parte por professores da educação básica e estudantes dos cursos de formação de professores, da realidade apresentada. Agindo de maneira a proporcionar discussões, oferece subsídios a quem queira se aprofundar no assunto.

Assim, a revista pode ser vista como um material de grande relevância para contribuir com as discussões de gênero e sexualidade no ambiente educacional. Nesse viés, podemos entender a publicação como a máquina produzindo um discurso não hegemônico.

EVENTO/ESPAÇO BARBIE E MAX STEEL

O evento/Espaço Barbie e Max Steel é itinerante e ficou no shopping entre 10 de fevereiro e 10 de março de 2015. O espaço ocupou uma importante área do estabelecimento, com grande visibilidade. Ele foi dividido em duas grandes estruturas: uma toda em azul, com várias gravuras que remetem ao herói dos jogos de computador, Max Steel; e o outro espaço rosa, remetendo a um salão de beleza da boneca Barbie.

No *site* do shopping, encontra-se a seguinte descrição do espaço:

Inspirado na série online BLID “Barbie – Life in the Dreamhouse”, o circuito Barbie Studios convida as meninas a experimentarem o divertido estilo de vida da Barbie. Em ambientes que reproduzem sets de gravação do reality show, as meninas se sentirão verdadeiras estrelas de TV. O espaço Max Steel - O Herói Está em Você recria o universo tecnológico e cheio de aventuras do herói. Nessa jornada, os meninos serão desafiados a enfrentar os vilões e a ajudar o Max Steel na missão de salvar o planeta. Composto por três estações multissensoriais inspiradas na agência N-Tek – Laboratório N-Tek, Estação Digital e Estação Aventura -, o evento convida o público a se divertir e a testar suas habilidades com games da marca.

A questão a ser problematizada sobre este espaço/evento é a separação entre o espaço destinado às meninas e o espaço destinado aos meninos. A descrição da página do shopping não dá ao público a possibilidade da escolha: as meninas devem contentar-se em ser estrelas de TV como a boneca Barbie e os meninos devem gostar dos jogos de computador, transformarem-se no herói Max Steel e salvar o mundo. Os espaços são bem demarcados pelas cores rosa e azul, que são cores arbitrárias, mas que qualquer um de nós identifica rapidamente como sendo o rosa a cor que representa o gênero feminino e o

azul a cor que representa o gênero masculino. No espaço rosa, o lugar é da mansidão, da beleza. Já o espaço azul é o lugar da força, da aventura.

Segundo Xavier Filha e Bacarin (2014), a boneca Barbie foi criada pela empresa Mattel em 1959 e foi a primeira boneca adulta criada. “(...) A Mattel utilizou o argumento de que a boneca ensinaria as meninas a serem verdadeiras damas” (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p. 45). Ainda segundo as autoras:

Os filmes e demais produtos da boneca trazem, entre muitos aspectos a destacar, a cor rosa como marcador do gênero. A boneca, no seu mundo cor-de-rosa, tem uma participação relevante na construção deste marcador, afetando a subjetivação das identidades das meninas que consomem seus produtos e suas representações de beleza e feminilidade. Ao assistir aos filmes, é possível notar que eles oferecem, em sua maioria, um modelo único de feminilidade. A protagonista é na maioria das vezes doce, amável, amiga dos animais, disposta a ajudar todas as pessoas com a colaboração de amigos ou amigas, em diversas missões. (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p. 43).

A empresa Mattel é também a criadora dos produtos Max Steel, uma linha que integra filmes, jogos de computador e brinquedos - um deles, o boneco do personagem Max Steel. O personagem foi criado em 1999 e é um agente especial cuja missão é deter vilões com suas armas e equipamentos. Vale destacar que a Mattel é uma empresa com sede nos Estados Unidos, considerada a maior empresa de brinquedos do mundo.

No material do personagem, o que predomina é a cor azul, inclusive nas roupas do herói. Além disso, a ação, a ficção científica e a coragem são traços presentes tanto no personagem principal quanto nos demais, em sua maioria masculinos, nos quais se percebe claramente um universo mais dinâmico e violento, contrapondo-se, dessa forma, ao mundo cor-de-rosa da Barbie.

No site da empresa encontramos a seguinte mensagem para os pais em relação ao “mundo Max Steel”:

BRINCADEIRA HERÓICA

Sendo um herói cujas intenções são honradas e baseadas em valores familiares, o Max Steel torna-se um ótimo exemplo para que as crianças possam admirar.

JOGOS

Os jogos on-line e off-line de Max Steel irão estimular a criatividade e ao criar conquistas baseadas em metas, ajudam e encorajam a determinação.

RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Muitos dos jogos do Max Steel trazem brincadeiras baseadas em estratégia com a descoberta das regras, tentativa e erro, tomada de decisão e resolução.

COOPERAÇÃO

Com as histórias dos vídeos e os temas dos jogos Max Steel enfatiza o trabalho em equipe, aceitando diferentes pontos de vista e os compartilhando.

EXPERIMENTAÇÃO

A temática da história do Max Steel envolve ciência e ficção científica, promovendo a experimentação e resolução de problemas.

CONTANDO HISTÓRIAS

Max Steel busca inspirar as crianças com uma das histórias mais imaginativas já criadas, permitindo que elas ampliem as fronteiras além do possível.

Ao comparar o “Mundo Barbie” ao “Mundo Max Steel”, ficam evidentes as oposições: enquanto a Barbie é passiva, está sempre bonita, bem arrumada e preocupada em com aparência, Max Steel é forte, cheio de estratégias, e está sempre em ação, em meio a lutas e brigas. Seriam estes os ideais de feminino e masculino disseminados pelas grandes indústrias como artefatos culturais da contemporaneidade?

Ao separar os espaços de meninos e meninas a partir dos personagens Barbie e Max Steel, separam-se os modos de ser menino e os modos de ser menina. Há uma imposição da construção social e cultural das concepções de feminilidade e masculinidade fortemente marcados por estereótipos que reserva às meninas características como beleza e docilidade e aos meninos coragem, força e determinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Xavier Filha (2009), os artefatos culturais tornam-se pedagogias culturais por produzirem significados. Xavier Filha e Bacarin (2014, p. 59), citando Silva (2000), afirmam que a pedagogia cultural é “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvida no processo de transmissão de atitudes e valores, como cinema, televisão, revistas etc.” (SILVA, 2000, p.89).

A partir dessa ideia, é imprescindível que estes dispositivos sejam questionados por pais, professores e instituições educacionais. Dessa forma, propor atividades em sala de aula envolvendo a temática do gênero e sexualidade que possibilitem aos alunos analisar e avaliar os artefatos culturais disponíveis nos diversos meios sociais é uma maneira de entender os discursos produzidos, refletir sobre eles, questioná-los e tornar o aluno um espectador mais consciente de seu espaço, inclusive, podendo contrariar “a máquina”.

Segundo Xavier Filha e Bacarin (2014),

mesmo sem uma 'intenção' explícita, os filmes da Barbie ensinam modos de ser menina-mulher. Por esse motivo, educam e fazem parte das pedagogias culturais que promovem aprendizados para além da instituição educativa. Isto explica a necessidade de discutir e problematizar esses filmes, principalmente por atingirem imensos públicos de meninas e meninos. Urge pensar e propor para debate os ensinamentos de ser mulher que circulam pelos filmes da Barbie (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p.59).

Acredito que podemos ampliar o que as autoras apontam sobre os filmes da Barbie e fazermos a mesma reflexão em torno da indústria de brinquedos e entretenimento para crianças, que na perspectiva de trazer um discurso fácil e palatável, acabam reproduzindo um discurso de gênero muito marcado por questões biológicas e da distinção homem e mulher, afetando a relação cultural e criando uma falsa dicotomia entre feminino e masculino representado pelo rosa e azul. Discutir essas questões na escola é a possibilidade de analisar e problematizar os Dispositivos Culturais e o Discurso disseminado por tais dispositivos. Neste sentido, é possível afirmar que a revista Nova Escola e a matéria que aborda as questões de gênero no ambiente escolar presta um enorme serviço ao questionar a maneira como algumas escolas vêm abordando a temática através da reprodução do preconceito, machismo e homofobia. A revista torna-se um dispositivo cultural que questiona o *status quo*, diferente do espaço cultural do shopping que apenas reproduz concepções ultrapassadas sobre os modos de ser menino e menina.

As questões abordadas até aqui permitem perceber o discurso das artes como algo que provoca sentidos novos em quem o assiste, mas que também pode provocar novidades em quem o produz. Dessa maneira, os artefatos culturais produzem sujeitos e são produzidos por eles, ou seja, constroem nosso ser e nossa maneira de ver o mundo. Por isso se faz presente a necessidade de problematizá-los e questioná-los, e não apenas assumir suas concepções como se fossem verdades.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação). *In: Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: editora da UNICAMP. 4 ed., 1995.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EVENTO Barbie e Max Steel. Disponível em: <<http://www.independenciashopping.com.br/?pagina=novidade&id=350>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Política e poética das imagens: implicações para o campo da educação. *In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. (organizadores) Política e poética das imagens*. Juiz de Fora. Ed.UFJF, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola. 9 ed., 2003.

MAX STEEL. Site oficial. Disponível em: <<http://www.maxsteel.com/pt-br/parents/parentcenter/>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 4 ed., 2002.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revista-novaescola>> Acesso em: 27 fev. 2015.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. *In: Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

SOARES, Welington. Precisamos falar sobre Romeo... *In: Revista Nova Escola*. Ano 30. n.279, Editora Abril. Fev. 2015, p. 25-33.

XAVIER FILHA, Constantina; BACARIN, Telma Iara. O mundo da Barbie em “Escola de Princesas” e em “As três Mosqueteiras”. *In: XAVIER FILHA, Constantina (organizadora). Sexualidades Gênero e Infâncias no cinema*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. P. 43-60.